

RETÓRICA E TRANSGRESSÃO: O DISCURSO DE ANGELA MERKEL PARA O PARLAMENTO DE ISRAEL

Eliana Amarante de Mendonça Mendes

Universidade Federal de Minas Gerais

Introdução

Em 18 de março de 2008, a Chanceler alemã Angela Merkel proferiu para o Parlamento de Israel um discurso histórico, reconhecendo corajosamente ser uma vergonha para os alemães a ocorrência do holocausto na Segunda Guerra Mundial. Confessou e pediu perdão pelos graves erros cometidos pelo exército nazista contra o povo judeu. A intenção de Merkel parece ter sido provar que a Alemanha se preocupa em mudar a imagem negativa que deve a seu abjeto passado.

Neste trabalho, examinamos esse discurso de Angela Merkel, analisando-o sob a perspectiva da retórica clássica: suas condições de produção – o *kairós*, a audiência, o *decorum* –, as figuras retóricas e o uso das estratégias retóricas do *ethos*, do *logos* e do *pathos* mobilizadas para a persuasão dos israelenses. Considerando que o discurso político é por natureza transgressivo, erístico, buscando a vitória a qualquer custo, e que, no âmbito da retórica clássica, o uso de falácias constitui o máximo da transgressão, rastreamos, também, possíveis manobras falaciosas nesse discurso.

O contexto histórico

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo todo passou ainda por períodos difíceis. Principalmente os judeus, os mais sofridos, tiveram que buscar alternativas para sua sobrevivência. A fundação do Estado de Israel, em 1948, foi a saída para lhes assegurar um espaço próprio que lhes pudesse garantir um porto seguro.

A relação desse novo estado com a Alemanha parecia obviamente impossível. No entanto, com o empenho dos novos governantes israelenses e alemães, essa relação foi sendo paulatinamente estabelecida, buscando, a partir dos eventos do passado, a esperança no futuro. Judeus e alemães têm longa história em comum: conviveram na Alemanha por mil anos ou mais, desde que os primeiros comerciantes judeus lá chegaram, seguindo

os passos dos romanos, até o século XX, quando se deu o grande genocídio. Essa longa história partilhada certamente foi um elemento facilitador da reaproximação desses povos. Vejamos, sucintamente, os passos dados para esse fim:

Em 1952, foi assinado, entre o primeiro ministro israelense David Ben Gurion e o presidente alemão Konrad Adenauer, o tratado de indenização dos danos de guerra aos judeus, como primeira condição para a reconciliação dos povos. Em Israel, no entanto, a indenização gerou polêmica, pois muitos achavam que indenização de guerra não implica reconciliação. Em 14 de março de 1960, deu-se o primeiro encontro entre Adenauer e Ben Gurion, no Hotel Waldorf Astoria, em Nova York, quando se começou a negociar a aproximação de Israel e Alemanha. Mais tarde, reuniram-se também em Negev, para tratar desse e de outros assuntos.

Em 1965, foram estabelecidas relações diplomáticas entre Israel e Alemanha, o que, embora tenha sido um importante passo, não agradou a grande número de israelenses. Em decorrência, o novo embaixador alemão não foi bem recebido.

Na sequência, houve várias visitas oficiais de chanceleres e presidentes alemães a Israel e retribuições dessas visitas por presidentes e chanceleres israelenses: Em 1973, Willy Brandt, foi recebido pela então presidente, Golda Meir. Em razão da guerra de Yom Kippur, Meir foi forçada a renunciar em 1974, não podendo retribuir a visita de Brandt, o que foi feito por seu sucessor, Yitzhak Rabin, em 1975. Dez anos após, em 1985, quando era presidente de Israel Chaim Herzog, o presidente alemão Richard von Weizsäcker fez outra visita oficial a Israel. Em 1987, Chaim Herzog, por sua vez, retribuiu a visita de von Weizsäcker.

Depois dessas primeiras visitas, as relações se estreitaram: o presidente Ezer Weizman foi convidado a discursar para o Parlamento alemão, o *Bundestag*, em 1996. Na sequência, em 2000, o presidente alemão, Johannes Rau, foi o primeiro a discursar para o parlamento israelense, o *Knesset*, e, em 2005, na comemoração dos 40 anos de relações diplomáticas entre os dois países, coube ao presidente Horst Köhler a mesma honra. Por último, em 2008, foi a vez de Angela Merkel, a primeira chanceler alemã a discursar para o parlamento israelense, já que os outros dois oradores eram presidentes.

O discurso de Angela Merkel

Talvez em razão de, em estados parlamentaristas, o primeiro ministro ter mais importância que o presidente, ou talvez devido à crescente importância da Alemanha e de Merkel na União Europeia, seu discurso parece

ter recebido mais atenção da mídia do que os discursos dos dois presidentes alemães que a precederam. Em termos retóricos, seu *ethos*, vinculado a seu cargo de Chanceler Alemã e à importância da Alemanha na União Europeia, parece ter falado mais alto do que o seu discurso.

Verificamos que os três discursos desses alemães ao Knesset são muito semelhantes: em vários aspectos a fala de Merkel é um *déjà vu*. Os temas por ela abordados foram praticamente os mesmos tratados pelos que a antecederam: o holocausto, o reconhecimento da culpa da Alemanha nazista, a necessidade de preservação da memória do holocausto, os elogios a Adenauer e Ben Gurion, as relações Israel/Alemanha na atualidade, a pauta de cooperação entre as duas nações. Além desses temas comuns, Merkel tratou ainda dos problemas da Palestina e do Iran, da globalização e da União Europeia. Entretanto, no nosso entender, há vários aspectos no discurso da Chanceler que o diferenciam dos anteriores e que merecem ser explorados; vamos, porém, nos restringir ao mais relevante e interessante: as estratégias e manobras retóricas que se reconhecem nele e trechos em que pudemos identificar argumentação contenciosa ou, pelo menos, suspeitar da ocorrência desse recurso. Nosso objetivo principal é mostrar como as ferramentas da retórica clássica, além de contribuírem para a gênese dos discursos, contribuem também para sua análise.

Análise retórica do discurso de Ângela Merkel

Passamos agora a analisar, sob a perspectiva da retórica clássica, aspectos importantes do discurso de Angela Merkel, focalizando os fragmentos que melhor o caracterizam¹.

Audiência, Kairós e decorum

A audiência a que o discurso de Merkel se dirigiu diretamente foi o *Knesset*, o parlamento israelense, constituído das autoridades dirigentes do país – Presidente, Primeiro-Ministro, Presidente da Suprema Corte – dos deputados e de outras personalidades israelenses. Indiretamente, no entanto, seu discurso teve um alcance muito maior: além, principalmente, da comunidade israelense e da comunidade judaica mundial, interessou também aos cidadãos alemães, à mídia internacional e a todo o mundo político e intelectual.

¹ Embora nada substitua a análise do texto em sua íntegra, temos que nos ater à análise dos fragmentos que consideramos mais importantes, em razão de limite de espaço. Sugerimos a leitura da íntegra do discurso, disponível na Internet no original alemão e em inglês.

No que tange ao *Kairós*, Merkel, ao proferir seu discurso, teve a seu favor a oportunidade adequada, a comemoração dos 60 anos do Estado de Israel, um momento de festa, de júbilo, de espíritos desarmados. Teve as melhores condições, portanto, para sua fala ser bem aceita pela audiência.

Quanto ao *decorum* retórico, definido por Cícero como

[...] a forma da sabedoria que o orador deve empregar especialmente para adaptar-se às ocasiões e pessoas. Na minha opinião, não se deve falar com o mesmo estilo em todos os tempos, nem ante todas as pessoas, nem contra todos os adversários, nem em defesa de todos os clientes, nem em parceria com todos os defensores. Ele, [o sábio] será aquele que sabe adaptar seu discurso para caber em todas as circunstâncias concebíveis.² (CÍCERO, *Orator*. 3,123),

entendemos que três aspectos podem ter comprometido o discurso de Merkel: primeiramente, podemos questionar a opção de se expressar na língua alemã. Realmente, após fazer uma breve introdução em hebraico, estrategicamente dirigida a uma mulher, passou a falar alemão e agradeceu por lhe permitirem fazê-lo:

(1) *Senhora Presidente*, anni modda lachem she-nittan li le-dabber ellechem kaan bebait mechubad se. Se kawwod gadol awurri.³ (grifos nossos)

(2) Agradeço a todos que me permitem falar-lhes hoje na minha língua materna.⁴

Em protesto, alguns dos presentes se retiraram do recinto, o que indicia uma violação ao *decorum*, pois a oradora não adaptou seu discurso às circunstâncias específicas.

A propósito, Merkel não foi a primeira a usar a língua alemã em discursos em Israel: tal opção foi a mesma dos presidentes Johannes Rau e de Horst Köhler, o que também desagradou a muitos. Köhler também disse uma frase em hebraico e passou em seguida para o alemão. O presidente Rau, no entanto, teve uma atitude mais simpática, quase se desculpando

² Nossa tradução de: [...] the form of wisdom that the orator must especially employ—to adapt himself to occasions and persons. In my opinion, one must not speak in the same style at all times, nor before all people, nor against all opponents, not in defense of all clients, not in partnership with all advocates. He, therefore, will be who can adapt his speech to fit all conceivable circumstances.

³ Tradução da Chancelaria Alemã do hebraico para o alemão: Eu lhe agradeço por falar-lhe hoje aqui. Eu considero isso uma grande honra.

⁴ Nossa tradução de: Ich danke allen, dass ich in meiner Muttersprache heute zu Ihnen sprechen darf

por usar a língua alemã e entendendo o descontentamento da audiência: “Senhor Presidente, minhas senhoras e senhores, eu sei o que significa para muitos de vocês ouvir o idioma alemão nesta insigne casa hoje.” (RAU, 2000)⁵

A questão que podemos colocar é: por que esses políticos não optaram por discursar em inglês, como o fariam em outras oportunidades, evitando constrangimentos? Uma possível causa pode ter sido o orgulho de se afirmarem como alemães, a despeito da inconveniência dessa escolha.

Um segundo aspecto questionável quanto ao *decorum* tem a ver com o gênero discursivo utilizado pela oradora. Sabe-se, desde Aristóteles, que o gênero de discurso epidítico é o adequado a ocasiões festivas, comemorativas. O discurso em questão, portanto, deveria ser um discurso epidítico, um encômio em louvor aos 60 anos de Israel. Merkel, de fato, após os vocativos e agradecimentos, expressou, em ladainha, uma série de elogios a Israel:

(3) ⁶Eu falo aos Senhores num ano especial. Pois neste ano, 2008, os senhores comemoram o sexagésimo aniversário da fundação de seu estado, o Estado de Israel.

60 anos de Israel – 60 anos de magnífico trabalho de pessoas para construir uma nação sob circunstâncias difíceis.

60 anos de Israel – 60 anos de desafios, combatendo ameaças e lutando pela paz e segurança.

60 anos de Israel – 60 anos de integração dos imigrantes no corpo político desta terra.

60 anos de Israel – e nós temos um país repleto de vitalidade e de confiança, capaz de grandes feitos tecnológicos, com uma riqueza de cultura e tradições.

60 anos de Israel – esta é sobretudo uma ocasião de grande alegria. Em nome do Governo Federal e do povo alemão, congratulo a todos os cidadãos de Israel neste Jubileu especial”.⁷

⁵ Nossa tradução de: Herr Staatspräsident, meine Damen und Herren, ich weiß, was es für manchen von Ihnen bedeutet, in diesem Hohen Hause heute die deutsche Sprache zu hören.

⁶ Numeramos os excertos seguindo a ordem de nossa análise e não seguindo estritamente a ordem em que aparecem no discurso.

⁷ Nossa tradução de: Ich spreche zu Ihnen in einem besonderen Jahr. Denn in diesem Jahr – 2008 – feiern Sie den 60. Jahrestag der Gründung Ihres Staates, des Staates Israel.

60 Jahre Israel – das sind 60 Jahre großartiger Aufbauarbeit der Menschen unter schwierigen Bedingungen.

60 Jahre Israel – das sind 60 Jahre Herausforderungen im Kampf gegen Bedrohungen und für Frieden und Sicherheit.

60 Jahre Israel – das sind 60 Jahre Integration von Zuwanderern in das Gemeinwesen dieses Staates.

60 Jahre Israel – das ist ein Land voller Vitalität und Zuversicht. Mit technologischen Spitzenleistungen. Mit kulturellem Reichtum und Traditionen.

60 Jahre Israel – das ist somit vor allem ein Anlass zu großer Freude. Im Namen der Bundesregierung und der deutschen Bevölkerung gratuliere ich allen Bürgerinnen und Bürgern Israels zu diesem Jubiläum.

Além desses elogios presentes no *exordium* e de cumprimentos festivos na *peroratio*, só se encontram nesse discurso alguns louvores e menções a David Ben Gurion, o primeiro a ocupar o cargo de primeiro-ministro de Israel, diluídos na fala de Merkel:

(4) Ou com as conhecidas palavras de David Ben Gurion – eu o cito: ‘quem não acredita em milagres não é realista’. Fim da citação.⁸

(5) Pensamentos devem tornar-se palavras, e palavras, obras. David Ben Gurion, o primeiro primeiro-ministro do seu país e Konrad Adenauer, primeiro chanceler do meu, ensinaram-nos exatamente isso”.⁹

(6) Eis por que foi tão importante para mim ir ao kibutz Sde Boker, no domingo, e colocar uma coroa de flores no túmulo de Ben Gurion. Pois foram Ben Gurion e Adenauer que transformaram pensamentos em palavras e palavras em ações. Com prudência e previdência eles lançaram as bases nas quais as relações entre nossos países agora repousam.¹⁰

Mesmo nessas oportunidades, como vimos, o nome de Ben Gurion apareceu quase sempre acompanhado do nome de Adenauer, colocados no mesmo nível de importância, o que relativizou o louvor ao israelense.

Registra-se, também, no discurso, um único elogio à tecnologia israelense:

(7) E no campo do meio ambiente e proteção do clima, por exemplo, Israel, país de alta tecnologia, pode compartilhar seu amplo *know-how*, especialmente nos domínios da água e da irrigação [...].¹¹

Merkel perdeu aqui a oportunidade de exaltar os grandes feitos dos judeus através dos tempos, e contribuir, com seu discurso, para a constru-

⁸Nossa tradução de: Oder um es mit den bekannten Worten von David Ben Gurion – ich zitiere ihn: “Wer nicht an Wunder glaubt, der ist kein Realist.” – Ende des Zitats.

⁹Nossa tradução de: Aus Gedanken müssen Worte werden. Und aus Worten Taten. Der erste Premierminister Ihres Landes, David Ben Gurion, und der erste Bundeskanzler meines Landes, Konrad Adenauer, sie haben uns genau das vorgemacht.

¹⁰Nossa tradução de: Deshalb war es mir wichtig, am Sonntag in den Kibbuz Sde Boker zu fahren und dort am Grab von David Ben Gurion einen Kranz niederzulegen. Denn es waren Ben Gurion und Adenauer, die den Gedanken Worte, den Worten Taten folgen ließen. Sie legten mit Vorsicht und Weitsicht die Grundlage für die Beziehungen zwischen unseren Staaten.

¹¹Nossa tradução de: Im Bereich von Umwelt- und Klimaschutz – zum Beispiel indem das Hochtechnologieland Israel sein umfassendes Know How insbesondere auch im Bereich Wasser und Bewässerungswirtschaft einbringen Form [...]

ção de um merecido *ethos* de excelência para esse povo. Entretanto, o que se encontra no discurso é um eloquente elogio à Alemanha, nas pessoas de seus ex-chanceleres, enfatizando a reunificação da Alemanha e a reconciliação europeia, construindo um *ethos* de excelência para a Alemanha:

(8) Eu não poderia estar hoje frente aos senhores e não poderia falar-lhes hoje como Chanceler da República Federal da Alemanha, como alguém que cresceu na DDR, se não houvesse políticos do calibre de Konrad Adenauer, Willy Brandt e Helmut Kohl na República Federal da Alemanha após a Segunda Guerra Mundial. Eles acreditavam no poder da liberdade, no poder da democracia e no poder da dignidade humana. Eles conseguiram fazer possível o aparentemente impossível: a unificação da Alemanha em paz e liberdade, e, com isso, a reconciliação do continente europeu.¹²

A menção à sua origem na DDR (Alemanha Oriental) tem razão de ser: lá se entendia que o holocausto era problema da BRD (Alemanha Ocidental). Merkel, talvez em razão disso, se sinta menos credenciada que outros dirigentes da Alemanha para tratar de assuntos relativos aos judeus.

Finalmente, ao tratar a Chanceler do problema Israel/Iran, temos mais um terceiro aspecto que exemplifica sua violação ao *decorum*:

(9) Ou como nós reagimos quando as pesquisas mostram que uma clara maioria dos europeus entrevistados dizem que Israel é uma ameaça maior para o mundo que o Irã? Quando nós, os políticos na Europa, por medo, curvamo-nos à opinião pública e recuamos diante de sanções ainda mais rigorosas sobre o Irã para persuadi-lo a interromper seu programa nuclear? Não, por mais incômodo que isso possa ser, justamente por isso não podemos fazê-lo.[...] ¹³

¹² Nossa tradução de: Ich könnte heute nicht vor Ihnen stehen, und ich könnte heute nicht als Bundeskanzlerin der Bundesrepublik Deutschland, die in der ehemaligen DDR aufgewachsen ist, zu Ihnen sprechen, wenn es nach dem Zweiten Weltkrieg in der damaligen Bundesrepublik nicht Politiker wie Konrad Adenauer, Willy Brandt und Helmut Kohl gegeben hätte. Sie haben an die Kraft der Freiheit, an die Kraft der Demokratie und an die Kraft der Menschenwürde geglaubt. Sie haben es so vermocht, das scheinbar Unmögliche möglich zu machen: die Vollendung der Einheit Deutschlands in Frieden und Freiheit und damit die Versöhnung des europäischen Kontinents.

¹³ Nossa tradução de: Oder wie gehen wir damit um, wenn in Umfragen eine deutliche Mehrheit der Befragten in Europa sagt, die größere Bedrohung für die Welt gehe von Israel aus und nicht etwa vom Iran? Schrecken wir Politiker in Europa dann aus Furcht vor dieser öffentlichen Meinung davor zurück, den Iran mit weiteren und schärferen Sanktionen zum Stopp seines Nuklearprogramms zu bewegen? Nein, wie unbequem es auch sein mag, genau das dürfen wir nicht [...].

Consideramos inconveniente a atitude da Chanceler alemã, mencionando tal pesquisa num discurso em princípio epidítico, encomiástico, numa cerimônia em que se comemorava o aniversário dos 60 anos do Estado de Israel, muito embora ela tenha defendido que os políticos da Europa não podem recuar quanto às sanções ao Irã. Mesmo aí, ela foi infeliz no uso do adjetivo “incômodo” para se referir às sanções ao Irã, pois o que deveria importar é que tais sanções são justas e necessárias. De qualquer forma, com tal menção, mesmo que modalizada por essa sua defesa, Merkel pareceu-nos passar de um encômio a uma invectiva, comprometendo o *decorum* e desconstruindo o *ethos* de Israel.

Fato é que o discurso de Merkel sofreu uma transgressão quanto ao gênero, passando de um discurso epidítico, adequado à comemoração, ora a um encômio às avessas, de autolouvor à Alemanha, ora a um discurso político, persuasivo, ora, até mesmo, a uma invectiva. Ao que nos parece, seu principal interesse não foi comemorar os 60 anos de Israel, mas construir um *ethos* de superioridade e excelência para a Alemanha: para o povo alemão, para os governos alemães, e para si própria. Embora os gêneros nem sempre sejam puros, o que predominou, no caso em questão, foi o discurso político persuasivo e, nas partes encomiásticas, a proporção do discurso dedicado ao louvor a Israel foi muitíssimo menor do que a apologia à Alemanha.

As estratégias persuasivas de Angela Merkel

Passamos agora à apresentação e análise de outros excertos do discurso de Angela Merkel, com o objetivo de evidenciar as manobras e os recursos retóricos utilizados por ela para a persuasão da audiência.

Já no *exordium*, o apelo patêmico está presente: não poderia haver nada mais emocionalmente apelativo do que a menção, por um alemão, em Israel, ao holocausto: Vejamos:

(10) Minhas Senhoras e meus Senhores, a Alemanha e Israel são e permanecerão para sempre ligadas de maneira especial pela memória do holocausto. Shoah. Justo por esta razão, começamos as primeiras reuniões intergovernamentais Alemanha/Israel ontem com uma cerimônia de comemoração no Yad Vashem.^{14 15} (grifos nossos)

¹⁴ O memorial oficial de Israel para lembrar as vítimas judaicas do holocausto.

¹⁵ Nossa tradução de: Meine Damen und Herren, Deutschland und Israel sind und bleiben, und zwar für immer, auf besondere Weise durch die Erinnerung an die Shoah verbunden. Genau deshalb haben wir die ersten deutsch-israelischen Regierungskonsultationen gestern mit dem Gedenken in Yad Vashem begonnen.

Além de patêmico, o apelo pareceu-nos falacioso: no trecho “AAlemanha e Israel permanecerão sempre ligadas de maneira especial pela memória do holocausto. *Shoah*”. Merkel empregou a expressão “ligadas de maneira especial”, quando, na verdade, Alemanha e Israel não são ligadas pela memória do holocausto, são antes separadas pela memória do holocausto. Estrategicamente, ela usou o termo *ligadas*, modalizado pela expressão “de maneira especial pela memória do holocausto”. Com essa tática, sugeriu-se, falaciosamente, a ideia de união dos dois povos. Horst Köhler, em seu discurso ao *Knesset*, disse de forma muito honesta que “Entre a Alemanha e Israel não pode haver o que se chama de normalidade”. (KÖHLER, 2005)¹⁶

Mais à frente, Merkel retomou o tema da relação Israel/Alemanha, amplificado retoricamente, pela repetição:

(11) Dizemos sempre: Alemanha e Israel estão ligadas por uma *relação especial, singular*.¹⁷ (grifos nossos)

(12) Mas o que exatamente significa essa *relação singular*?¹⁸ (grifos nossos)

Merkel, na verdade, não respondeu à questão, pois definir exatamente essa relação a levaria a explicitar que a singularidade da relação se deve justamente a que o ponto comum, o holocausto, é visto de forma totalmente oposta por judeus (vítimas) e alemães (algozes). Podemos dizer que ela, aqui, não respondendo à sua pergunta, se esquivou do ônus da prova por meio de uma pergunta retórica. Colocou, então, mais duas questões:

(13) O meu país tem consciência da importância dessas palavras – não apenas quando repetidas nos discursos e nos eventos cerimoniais, mas também quando se depende de tal consciência? Como, por exemplo, agimos, concretamente, quando as atrocidades dos nazistas são relativizadas?¹⁹

Aqui Merkel se esquivou mais uma vez, não apresentando resposta para a primeira das questões propostas. Entendemos que lhe seria difícil,

¹⁶ Nossa tradução de: Zwischen Deutschland und Israel kann es nicht das geben, was man Normalität nennt. Aber wer hätte vor 40 Jahren gedacht, wie gut, ja, wie freundschaftlich sich unser Verhältnis entwickeln würde?

¹⁷ Nossa tradução de: Wir sagen oft: Deutschland und Israel verbinden besondere, einzigartige Beziehungen.

¹⁸ Nossa tradução de: Was aber ist genau damit gemeint – einzigartige Beziehungen?

¹⁹ Nossa tradução de: Ist sich gerade mein Land dieser Worte bewusst – und zwar nicht nur in Reden und Festveranstaltungen, sondern dann, wenn es darauf ankommt? Wie gehen wir zum Beispiel ganz konkret damit um, wenn die Gräueltaten des Nationalsozialismus relativiert werden?

porque falso, assumir que seu país, como um todo, tem consciência da importância dessas palavras. Sua resposta teria que ser NÃO, pois, uma pesquisa realizada na Alemanha, em 2009 – durante a invasão de Gaza – mostrou que apenas um terço dos cidadãos achava que a Alemanha tinha uma especial responsabilidade em relação a Israel. Para sessenta por cento não havia responsabilidade alguma (essa porcentagem era muito maior entre os jovens e os habitantes da antiga Alemanha Oriental). Diferentemente da postura de Merkel, Johannes Rau, em seu discurso ao Knesset, foi mais sincero, menos retórico, quando disse: “Claro que convivemos ainda com a xenofobia, com problemas de integração e há também o antissemitismo. Negar isso é errado e perigoso” (RAU, 2000)²⁰. Também Horst Köhler, discursando para o mesmo Knesset, foi mais honesto: “Toda sociedade aberta tem seus inimigos. Xenofobia e antissemitismo não desapareceram da Alemanha” (KÖHLER, 2005)²¹. Quanto à segunda pergunta, com o uso dos verbos no presente do indicativo – “agimos” e “são” –, ficou clara a confissão de Merkel de que tal relativização das atrocidades costuma acontecer, que ainda há alemães que não assumem a responsabilidade histórica pelas atrocidades praticadas e as relativizam. A sua resposta, portanto, se referiu somente à primeira parte da questão, a “como agimos”:

(14) Aqui só pode haver uma resposta. Cada tentativa de banalizar essas atrocidades deve ser cortada pela raiz. Não se pode permitir que o antissemitismo, o racismo e a xenofobia tomem pé na Alemanha e na Europa novamente, pois, caso contrário, todos nós – a sociedade alemã como um todo, a Comunidade Europeia, a base democrática de nossos países – iríamos ser postos em perigo.²²

Embora essa resposta pareça politicamente correta, a Chanceler não colocou a verdade claramente, mas uma meia-verdade, estrategicamente camuflada em uma pergunta. Além do mais, apresentou a Alemanha e a Europa em pé de igualdade no que tange ao antissemitismo, ao racismo e à xenofobia, numa tentativa falsa de repartir a culpa. Embora tenha havido colaboracionismo com o nazismo em outros países, e hoje ainda haja manifestações iso-

²⁰ Natürlich erleben wir auch Fremdenfeindlichkeit, Integrationsprobleme, und es gibt auch Antisemitismus. Das zu leugnen, wäre falsch und gefährlich.

²¹ Jede offene Gesellschaft hat auch Feinde. Fremdenfeindlichkeit und Antisemitismus sind nicht aus Deutschland verschwunden.

²² Hierauf kann es nur eine Antwort geben: Jedem Versuch dazu muss im Ansatz entgegen getreten werden. Antisemitismus, Rassismus und Fremdenfeindlichkeit dürfen in Deutschland und in Europa nie wieder Fuß fassen. Und zwar weil alles Andere uns insgesamt – die deutsche Gesellschaft, das europäische Gemeinwesen, die demokratische Grundordnung unserer Länder – gefährden würde.

ladas desses três preconceitos em países europeus, nada se compara aos promovidos pelo nazismo. Ademais, Merkel considerou que admitir tal relativização implicaria consequências perigosas, num apelo patêmico ao sentimento do medo. O que Merkel não disse, mas deveria ter dito, é que esses preconceitos são moralmente e eticamente inadmissíveis e condenáveis.

Num crescendo, continuou usando a estratégia retórica da amplificação; de relações Israel/Alemanha especiais, singulares, passou, hiperbolicamente, para relações excelentes:

(15) Não é exagero, quando constatamos: *as relações entre nossos dois países são excelentes*.²³ (grifos nossos)

Na nossa percepção, pelo contrário, tal afirmativa, além de exagerada, é falsa: a própria amplificação retórica pela hipérbole.

Merkel retomou ainda, mais uma vez, o tema das relações Israel/Alemanha na *peroratio*:

(16) Sim, as nossas relações *são especiais, singulares* [...]²⁴ (grifos nossos)

Vejamos agora o trecho abaixo, que consideramos o principal do discurso, impactante e comovente:

(17) O assassinato em massa de 6 milhões de judeus, *realizado em nome dos alemães*, trouxe indescritível sofrimento para o povo judeu, para a Europa e o mundo. O Holocausto enche a nós alemães de vergonha. Eu abaixo minha cabeça ante as vítimas. Eu me curvo ante os sobreviventes e ante todos aqueles que os ajudaram, possibilitando a eles sobreviver. A ruptura com a civilização que foi o Holocausto não tem paralelo. Deixou feridas até hoje. A relação entre Israel e Alemanha parecia francamente impossível. Passaportes israelenses durante longo tempo continham as palavras: “Válido para todos os países exceto Alemanha”.²⁵ (grifos nossos)

²³ Es ist keine Übertreibung, wenn wir feststellen: Die Beziehungen unserer beiden Länder sind ausgezeichnet.

²⁴ Ja, es sind besondere, einzigartige Beziehungen [...]

²⁵ Der im deutschen Namen verübte Massenmord an sechs Millionen Juden hat unbeschreibliches Leid über das jüdische Volk, über Europa und die Welt gebracht. Die Shoah erfüllt uns Deutsche mit Scham. Ich verneige mich vor den Opfern. Ich verneige mich vor den Überlebenden und vor all denen, die ihnen geholfen haben, dass sie überleben konnten. Der Zivilisationsbruch durch die Shoah ist beispiellos. Er hat Wunden bis heute hinterlassen. Er schien Beziehungen zwischen Israel und Deutschland zunächst geradezu unmöglich zu machen. In den israelischen Pässen stand lange Zeit der Satz: “Gilt für alle Länder mit Ausnahme Deutschlands.”

Nesse trecho, ampliou-se a audiência, incluindo a Europa e o mundo inteiro como vítimas das atrocidades nazistas, e Merkel apresentou um *confiteor* e um *mea culpa*, assumiu a vergonha pelo ocorrido e expressou um humilde e comovente pedido de perdão. Com esse trecho, sem dúvida, a Chanceler, apelando ao *pathos*, conquistou a adesão de sua audiência. No entanto, ela disse que o assassinato em massa de 6 milhões de judeus foi “realizado em nome dos alemães” (*im deutschen Namen*), numa tentativa falaciosa de minimizar a responsabilidade do povo alemão. A história mostra que a grande maioria do povo alemão aceitou ou foi omissa quanto ao holocausto. Inúmeros documentários sobre a era Hitler registram a fanática adesão dos alemães a seu *Führer*. Houve, naturalmente, uma minoria que não concordava com as atrocidades, mas que não teve forças para alterar a situação. Diferentemente de Merkel, disse Johannes Rau em seu discurso ao Knesset:

Ante o povo de Israel, eu me curvo humildemente perante as vítimas do assassinato que não têm túmulos onde eu possa pedir-lhes perdão. Peço perdão *pele que os alemães fizeram*, em meu nome e de minha geração, de nossos filhos e netos, cujo futuro eu gostaria de ver ao lado dos filhos de Israel. Eu estou fazendo isso ante vocês, os representantes do Estado de Israel, que renasceu depois de 2000 anos, e os judeus do mundo, mas especialmente os sobreviventes da Shoah.²⁶
(RAU, 2000) (grifos nossos)

Como se vê, Johannes Rau, de modo honesto, não tentou proteger o povo alemão, livrando-o da responsabilidade em relação ao holocausto e, além do mais, estendeu essa responsabilidade para as gerações futuras.

Na fala de Merkel, constatamos também a amplificação retórica pela *repetitio*, com a recorrência da expressão ‘responsabilidade histórica’. Ela já começou se contradizendo:

(18) Senhoras e Senhores, *nosso sentido de responsabilidade histórica* e compromisso com nossos valores comuns formaram a base das relações Israel-Alemanha desde o início e até hoje.²⁷

²⁶ Im Angesicht des Volkes Israel verneige ich mich in Demut vor den Ermordeten, die keine Gräber haben, an denen ich sie um Vergebung bitten könnte. Ich bitte um Vergebung für das, was Deutsche getan haben, für mich und meine Generation, um unserer Kinder und Kindeskinde willen, deren Zukunft ich an der Seite der Kinder Israels sehen möchte. Ich tue das vor Ihnen, den Vertretern des Staates Israel, der nach 2000 Jahren wiedergeboren wurde und den Juden in der Welt, vor allem aber den Überlebenden der Shoah Zuflucht gegeben hat.

²⁷ Meine Damen und Herren, das Bewusstsein für die historische Verantwortung und das Eintreten für unsere gemeinsamen Werte – das bildet das Fundament der deutsch-israelischen Beziehungen von ihren Anfängen bis heute.

A contradição se deve ao fato de que, antes dessa afirmação, ela já havia dito, neste mesmo discurso, que no início as relações Israel Alemanha eram francamente impossíveis. Mais à frente, reafirmou que o início das relações não foi fácil:

(19) [...] a DDR só reconheceu o Estado de Israel pouco antes de seu próprio fim. Demorou mais de 40 anos para a Alemanha como um todo reconhecer tanto a sua *responsabilidade histórica* como reconhecer o Estado de Israel.²⁸

O que Merkel não disse é que mesmo a Alemanha Ocidental só reconheceu o Estado de Israel em 1965, dezessete anos após a criação do Estado de Israel, quando se estabeleceram as relações diplomáticas entre as duas nações: na verdade, a Alemanha como um todo (Deutsche Demokratische Republik e Bundesrepublik Deutschland) demorou exatamente 57 anos para reconhecer o Estado de Israel, o que se deu em 2005, portanto três anos antes de seu discurso. Registramos aqui uma imprecisão nos dados mencionados por Merkel.

Além do mais, no nosso ponto de vista, é preciso separar o reconhecimento do Estado de Israel, uma decisão de governo, datada, da qual o povo não necessariamente participa, da responsabilidade histórica para com Israel, o que se espera do povo alemão como um todo. Merkel tratou dos dois aspectos como se fossem um só: no nosso entender, o reconhecimento do Estado de Israel não implica necessariamente o reconhecimento da responsabilidade histórica pelo povo alemão.

Podemos, ainda, questionar a demora da Alemanha para “reconhecer sua responsabilidade histórica”, o que nos leva a crer que o antissemitismo do povo alemão ainda perdurou. Se o povo alemão fosse realmente inocente, teria imediatamente reconhecido sua responsabilidade histórica, o que até hoje não é consensual:

(20) Minhas Senhoras e Senhores, eu estou profundamente convencida de que, somente *se a Alemanha reconhecer sua responsabilidade permanente pela catástrofe moral na história alemã*, nós poderemos formatar humanamente o futuro. Ou dito de outro modo: A humanidade surge da *responsabilidade* pelo passado. Não, por mais incômodo que isso possa ser, justamente por isso não podemos fazê-lo. Pois, tomar esse

²⁸ Auch den Staat Israel hat die DDR bis kurz vor ihrem Ende nicht anerkannt. Es dauerte über 40 Jahre, bis sich nach der Wiedervereinigung ganz Deutschland sowohl zu seiner historischen Verantwortung als auch zum Staat Israel bekennen konnte.

caminho significaria nunca termos entendido a nossa *responsabilidade histórica* nem termos desenvolvido uma sensibilidade para os desafios do nosso tempo. Ambas essas falhas seriam fatais.²⁹ (grifos nossos)

Esse trecho, também comovente, certamente foi bem recebido pela audiência. Entretanto, o uso do modo condicional “somente *se* a Alemanha reconhecer sua responsabilidade permanente [...]” mostra que a Chanceler, embora possa defender esse ponto de vista, não afirmou que isso tenha ocorrido, bem como não garantiu que isso vá ocorrer. Portanto, se contradisse mais uma vez, pois havia dito antes que a Alemanha já havia reconhecido tanto o Estado de Israel como sua responsabilidade histórica em relação aos judeus. Na sequência disse ainda Merkel:

(21) Aqui, neste lugar, quero dizer explicitamente: todos os governos alemães e todos os Chanceleres alemães antes de mim assumiram a especial *responsabilidade histórica* da Alemanha para com a segurança de Israel. (grifos nossos)³⁰

(22) Para mim, como Chanceler da Alemanha, portanto, a questão da segurança de Israel nunca será aberta para negociação.³¹

Podemos dizer que, aqui, ela passa a atribuir aos chanceleres, não mais ao povo alemão, o reconhecimento da responsabilidade histórica em relação a Israel. Essa postura parece-nos mais correta. Fez, também, um tipo de promessa pessoal quanto à questão da segurança de Israel, em que não fica claro se “nunca” aí significa “em tempo algum”, ou se se restringe ao tempo em que ela continuar sendo Chanceler da Alemanha. O trecho nos parece ambíguo, falacioso: Mais um nítido apelo ao *pathos*, usado para a construção do *ethos* da Alemanha. Insistiu mais uma vez no mote da responsabilidade histórica:

²⁹ Nossa tradução de: Meine Damen und Herren, ich bin zutiefst davon überzeugt: Nur wenn Deutschland sich zu seiner immerwährenden Verantwortung für die moralische Katastrophe in der deutschen Geschichte bekennt, können wir die Zukunft menschlich gestalten. Oder anders gesagt: Menschlichkeit erwächst aus der Verantwortung für die Vergangenheit.

³⁰ Nossa tradução de: Gerade an dieser Stelle sage ich ausdrücklich: Jede Bundesregierung und jeder Bundeskanzler vor mir waren der besonderen historischen Verantwortung Deutschlands für die Sicherheit Israels verpflichtet.

³¹ Das heißt, die Sicherheit Israels ist für mich als deutsche Bundeskanzlerin niemals verhandelbar.

(23) Esta *responsabilidade histórica* é parte da razão de ser do meu país.³² (grifos nossos)

Como se vê, retoricamente, apela pelo *pathos* da audiência de forma hiperbólica.

Merkel retomou ainda esse mote, quando defendeu que a União Europeia não pode recuar quanto às sanções aplicadas ao Irã, em razão de seu programa nuclear.

(24) Quando nós, os políticos na Europa, por medo, curvamos-nos à opinião pública e recuamos diante de sanções ainda mais rigorosas sobre o Irã para persuadi-lo a interromper seu programa nuclear?³³

(25) Não, por mais incômodo que isso possa ser, justamente por isso não podemos fazê-lo. Pois, tomar esse caminho, significaria nunca termos *entendido a nossa responsabilidade histórica* nem termos desenvolvido uma sensibilidade para os desafios do nosso tempo. Ambos caminhos seriam fatais. (grifos nossos)³⁴

A inclusão desse tema – Irã – parece ter tido por objetivo atribuir a responsabilidade histórica não só à Alemanha, mas também aos outros países europeus e mostrar que a Alemanha não se inclui entre os que temem a opinião pública, que a Alemanha entendeu sua responsabilidade histórica e conhece, diferentemente dos outros países, os desafios do presente. Em termos retóricos, construir um *ethos* benevolente, correto, ético para a Alemanha, pela comparação com as posturas de outros países. Merkel sugeriu, com a palavra “fatal”, mais uma vez, a questão do perigo e do medo. As sanções devem ser aplicadas para se evitar o perigo (aqui concreto) de uma nova guerra.

Também na *peroratio* voltou a repetir o mote da responsabilidade histórica:

(26) Com sempre duradoura *responsabilidade pelo passado*, com valores compartilhados, com credibilidade mútua, com

³² Nossa tradução de: Diese historische Verantwortung Deutschlands ist Teil der Staatsräson meines Landes.

³³ Nossa tradução de: Schrecken wir Politiker in Europa dann aus Furcht vor dieser öffentlichen Meinung davor zurück, den Iran mit weiteren und schärferen Sanktionen zum Stopp seines Nuklearprogramms zu bewegen?

³⁴ Nein, wie unbequem es auch sein mag, genau das dürfen wir nicht. Denn täten wir das, dann hätten wir weder unsere historische Verantwortung verstanden noch ein Bewusstsein für die Herausforderungen unserer Zeit entwickelt. Beides wäre fatal.

grande solidariedade para com o outro e com a mesma confiança.³⁵

Passa, então, a tratar da questão da preservação da memória do holocausto:

(27) É verdade que lugares da memória são importantes, lugares como o Memorial do Holocausto em Berlim ou o Yad Vashem. Eles mantêm as memórias vivas. Mas também é verdade que lugares sozinhos não são suficientes, uma vez que as memórias se tornam histórias. Memórias devem ser constantemente recordadas. Pensamentos devem tornar-se palavras, e palavras, obras.³⁶

(28) Hoje, cabe-nos, à minha geração, esforçarmos em conjunto com os jovens em prol de uma cultura da memória – uma cultura da recordação que resistirá também quando os sobreviventes da Shoah não estiverem mais entre nós. Evidentemente não há nenhuma receita pronta para fazer isso. Mas reconhecer e assumir o desafio são o primeiro passo crucial no sentido de desenvolver estratégias criativas comuns para uma futura cultura da lembrança, em cooperação com os nossos jovens, em Israel e na Alemanha.³⁷

Aqui notamos que Merkel buscou equiparar, falaciosamente, os jovens da Alemanha aos de Israel. É muito mais provável que os jovens de Israel desejem preservar a memória do holocausto, pois os judeus foram as grandes vítimas. Já para os jovens alemães, que vivem como se nada houvesse ocorrido, realmente serão necessárias estratégias para forçá-los a não esquecer o incômodo passado.

³⁵ Nossa tradução de: Mit immer währender Verantwortung für die Vergangenheit, mit gemeinsamen Werten [...]

³⁶ Nossa traduao de: Ja, es ist wahr: Orte des Gedenkens sind wichtig. Orte wie das Holocaust-Mahnmal in Berlin oder Yad Vashem. Sie halten die Erinnerung wach. Aber wahr ist auch: Orte allein reichen noch nicht aus. Wenn Erinnerung Geschichte wird. Erinnerung muss sich immer wieder neu bewähren. Aus Gedanken müssen Worte werden. Und aus Worten Taten.

³⁷ Nossa traduao de: Heute ist es an uns, an meiner Generation, zusammen mit der jungen Generation das Bewusstsein für eine Erinnerungskultur zu wecken, die auch dann trägt, wenn die Überlebenden der Shoah nicht mehr unter uns sein werden. Natürlich gibt es dafür kein Patentrezept. Aber diese Herausforderung zu erkennen und anzunehmen – das genau ist der erste entscheidende Schritt, um zusammen mit der Jugend kreative Wege für eine Erinnerungskultur der Zukunft zu entwickeln, und zwar in Israel und in Deutschland gemeinsam.

A Chanceler equiparou, sempre, de modo patêmico e hiperbólico, a Alemanha a Israel quanto a seus valores, o que, segundo ela, é a origem da confiança existente entre esses povos:

(29) Pode nos ajudar nesse empenho algo que também tem ajudado nas últimas décadas – *o poder da confiança*. Essa *confiança* tem suas origens nos valores que, Alemanha e Israel, ambos partilhamos, *os valores da liberdade*, democracia e respeito pela *dignidade humana*. Este é o *bem mais precioso que temos* – a indivisível e inalienável dignidade de cada ser humano individual, independentemente do sexo, da ascendência, da língua, das crenças, da origem ou pátria.³⁸
(grifos nossos)

(30) Mas queremos reforçar esses laços e *a confiança* entre os nossos povos ainda mais. Queremos consolidar nossa parceria ainda mais.³⁹ (grifos nossos)

Ainda, passando a falar como representante da União Europeia, disse:

(31) Para mim está fora de questão: Israel e Alemanha, Israel e Europa são tais parceiros – ligados por *valores comuns*, ligados por desafios comuns e ligados por interesses comuns.⁴⁰
(grifos nossos)

(32) Como já disse, Israel e a Europa estão ligadas por interesses, desafios e *valores compartilhados*. Assim reafirmo firmemente o desejo de que Israel tenha uma aproximação ainda mais estreita com a União Europeia.⁴¹ (grifos nossos)

Referir-se a uma pretensa confiança entre Israel e Alemanha e dizer que essa confiança tem origem nos valores compartilhados por ambos

³⁸ Nossa tradução de: Helfen kann uns dabei eine Kraft, die uns auch in den vergangenen Jahrzehnten geholfen hat: Es ist die Kraft zu vertrauen. Diese Kraft zu vertrauen – sie hat ihren Ursprung in den Werten, die wir – Deutschland und Israel – gemeinsam teilen. Den Werten von Freiheit, Demokratie und der Achtung der Menschenwürde. Sie ist das kostbarste Gut, das wir haben: die unveräußerliche und unteilbare Würde jedes einzelnen Menschen – ungeachtet seines Geschlechts, seiner Abstammung, seiner Sprache, seines Glaubens, seiner Heimat und Herkunft.

³⁹ Nossa tradução de: Aber wir wollen diese Verbindungen und das Vertrauen zwischen unseren Völkern noch weiter stärken. Wir wollen unsere Partnerschaft noch weiter festigen.

⁴⁰ Nossa tradução de: Für mich steht außer Frage: Israel und Deutschland, Israel und Europa sind solche Partner. Verbunden durch gemeinsame Werte, verbunden durch gemeinsame Herausforderungen und verbunden durch gemeinsame Interessen.

⁴¹ Nossa tradução de: Ich sagte es: Israel und Europa sind durch gemeinsame Werte, Herausforderungen und Interessen verbunden. Deshalb unterstütze ich ausdrücklich die von Israel gewünschte stärkere Annäherung an die Europäische Union.

parece-nos exagero retórico. No nosso entender, embora a Alemanha tenha hoje liberdade e democracia, ainda não provou que a dignidade humana passou a ser o bem mais precioso para os alemães. Embora o Artigo primeiro da Constituição Alemã reze: “A dignidade do ser humano é inviolável”⁴², não se pode garantir que a constituição seja plenamente cumprida, nem que esse artigo tenha sido realmente incorporado pelos alemães.

Merkel retomou, mais algumas vezes, esse mote dos valores comuns:

(33) Senhoras e Senhores, nosso [...] compromisso com nossos *valores comuns* formaram a base das relações Israel-Alemanha desde o início e até os dias atuais.⁴³

Cumpre aqui reiterar que, no início, a relação Alemanha Israel se restringiu à reparação de guerra, o que não implica valores comuns. A própria Merkel caiu em contradição mais uma vez, pois já havia dito, neste mesmo discurso, que, no início, a relação entre os dois países “parecia francamente impossível”. Por último, disse ainda:

(34) Mas queremos reforçar *esses laços e a confiança* entre os nossos povos ainda mais.⁴⁴

Notamos, pois, nesses trechos, a estratégia retórica da amplificação pela repetição, repetição de argumentos falaciosos.

A Chanceler passou então a abordar a questão palestina:

(35) Sei muito bem: os senhores não necessitam de quaisquer conselhos de pessoas de fora, não solicitados, e os senhores definitivamente não precisam de que ninguém lhes fale de cima para baixo. Em última análise, uma solução somente pode ser encontrada pelos próprios israelenses e palestinos.⁴⁵

Embora se possa questionar a posição atual de Israel em relação à Palestina, um chanceler alemão não tem autoridade moral para ditar

⁴² Nossa tradução de: “Die Würde des Menschen ist unantastbar”

⁴³ Nossa tradução de: Meine Damen und Herren, [...] das Eintreten für unsere gemeinsamen Werte – das bildet das Fundament der deutsch-israelischen Beziehungen von ihren Anfängen bis heute.

⁴⁴ Nossa tradução de: Es ist keine Übertreibung, wenn wir feststellen: Die Beziehungen unserer beiden Länder sind ausgezeichnet. Aber wir wollen diese Verbindungen und das Vertrauen zwischen unseren Völkern noch weiter stärken. Wir wollen unsere Partnerschaft noch weiter festigen.

⁴⁵ Nossa tradução de: Ich weiß sehr wohl: Sie brauchen keine ungebetenen Ratschläge von außen und schon gar nicht von oben herab. Eine Lösung kann am Ende nur durch Sie hier in Israel und die Palästinenser selbst erfolgen.

regras a Israel, principalmente quanto a ações bélicas. E foi isso o que Merkel de fato o fez, como se vê no trecho seguinte:

(36) Pois sabemos que, para atender à concepção de dois estados, compromissos aceitos por ambos os lados *terão de ser feitos*. Isso exigirá também força para fazer concessões dolorosas.⁴⁶ (grifos nossos)

Em suma, Merkel sabe o que Israel e Palestina terão de fazer e o que isso exigirá de ambos. Chegou mesmo, de maneira pretensiosa e falaciosa, a se arrojar de porta-voz da comunidade internacional:

(37) No entanto, eu gostaria de oferecer expressamente aos senhores e a seus parceiros de negociação do lado palestino, sobretudo ao Presidente Abbas, o apoio da comunidade internacional.⁴⁷

Como se sabe, embora a Chanceler tenha poder na União Europeia, onde parece ditar as regras, nada a credencia a falar em nome do mundo. Continuando, disse:

(38) Sabemos que o sucesso desse difícil processo não é só do interesse desta região, mas do interesse de todos nós. Pois a instabilidade aqui não será sem consequências para nós na Alemanha e na Europa.⁴⁸

Como se vê, ela confessa que o que a move não é só seu proclamado sentimento de responsabilidade histórica para com Israel, mas, talvez, principalmente, o receio das consequências para a estabilidade (econômica?) da Alemanha e da comunidade europeia.

Na sequência, retomando o tom encomiástico, atribuiu a um milagre as boas relações atuais Alemanha/Israel. Da mesma forma, previu que será milagrosa a solução da questão palestina, em que o impossível será possível, apelando aqui pela respeitabilidade e autoridade de Ben Gurion:

⁴⁶ Nossa tradução de: Denn wir wissen, dass es zur Umsetzung der Vision von zwei Staaten Kompromisse bedarf, die von allen Seiten akzeptiert werden. Es bedarf der Kraft auch zu schmerzhaften Zugeständnissen.

⁴⁷ Nossa tradução de: Aber Unterstützung durch die Internationale Gemeinschaft – die will ich Ihnen und Ihren Verhandlungspartnern auf palästinensischer Seite, vorneweg Präsident Abbas, ausdrücklich anbieten.

⁴⁸ Nossa tradução de: Und wir wissen, dass es nicht nur im Interesse dieser Region hier ist, diesen schwierigen Prozess zum Erfolg zu führen, sondern in unser aller Interesse. Denn Instabilität hier bleibt auch für uns in Deutschland und Europa nicht ohne Folgen.

(39) Tendo visto o impossível se tornar possível, podemos ter uma fé inabalável e confiança em que qualquer esforço que leve as nações do Oriente Médio a dar um verdadeiro passo para viverem juntas em paz vale a pena. Ou com as conhecidas palavras de David Ben Gurion, que cito: quem não acredita em milagres não é realista. Fim da citação. Hoje quando olhamos para trás, para as relações Israel-Alemanha, no 60º aniversário da Fundação do estado de Israel, sabemos que suas palavras têm provado ser tanto realistas como verdadeiras.⁴⁹

Merkel concluiu sua fala de modo patêmico, até mesmo piegas: repetindo seus motes, firmando compromisso de solidariedade, amizade e fidelidade a Israel e usando a saudação de paz dos judeus, *shalom*:

(40) Sim, as nossas relações são especiais, singulares: Com sempre duradoura responsabilidade pelo passado, com valores compartilhados, com credibilidade mútua, com grande solidariedade para com o outro e com a mesma confiança. Neste espírito, celebramos o aniversário de hoje. Neste espírito, *a Alemanha nunca vai deixar Israel sozinho, mas continuará a ser uma parceira fiel e amiga*. Parabéns pelos 60 anos do Estado de Israel! SHALOM! (grifos nossos)

Considerações finais

Apesar das tantas contradições, das falácias e das passagens pouco claras de seu discurso, Merkel foi muito aplaudida, o que nos leva a crer que sua retórica foi bem sucedida, pois conseguiu a adesão de seus ouvintes: mobilizou o *pathos* de sua audiência para atingir seu objetivo de construir, no seu discurso, *ethé* quase perfeitos para a Alemanha e para si; soube também usar de várias estratégias retóricas para persuadir seus ouvintes – a amplificação pela repetição, a hipérbole, as perguntas retóricas.

Quanto às suas falácias – as inverdades, meias-verdades, contradições, ambiguidades, imprecisão de dados, fuga do ônus da prova – presentes em seu discurso, essas certamente não chegaram a ser notadas pela audiência. Aliás, o fato de falácias não serem muitas vezes percebidas e de

⁴⁹ Nossa tradução de: Aus der Erfahrung, dass das Unmögliche möglich werden kann, können wir die Entschlossenheit und die Zuversicht schöpfen, dass es auch jede Anstrengung lohnt, die den Nahen Osten einen großen Schritt näher zu einem friedlichen Miteinander bringt. Oder um es mit den bekannten Worten von David Ben Gurion – ich zitiere ihn: “Wer nicht an Wunder glaubt, der ist kein Realist.” – Ende des Zitat

costumarem ser bem sucedidas na argumentação é um dos problemas com que se deparam os estudiosos da retórica através dos tempos.

Um aspecto que pode ter também contribuído para a inesperada adesão da audiência foi a pouca clareza do discurso no que diz respeito ao enunciador: parece-nos que, às vezes, o enunciador é Angela Merkel, um ser humano sensível; por vezes é Merkel ex-cidadã da DDR, pouco afeita às questões relativas aos judeus; outras vezes é Merkel, cidadã da Alemanha reunificada; às vezes, é a Chanceler da Alemanha, representante oficial de seu país. Às vezes, ainda, assume o papel de representante da União Europeia e até mesmo de porta-voz da comunidade internacional. Dessa instabilidade quanto ao enunciador decorre a projeção de diversos *ethé* no discurso, o que pode ter confundido os ouvintes, levando-os a não o questionarem.

REFERÊNCIAS

- CICERO, M. T. **Orator. Brutus**. Trans. H.M. Hubbel, Loeb Classical Library. Cambridge MA: Harvard University Press, 1962.
- KÖHLER, H. **Ansprache von Bundespräsident Horst Köhler: Vor der Knesset in Jerusalem am 2** (Februar 2005). Disponível em: <http://www.hagalil.com/archiv/2005/02/horst-koehler-0.htm> – Acesso em 4/3/2014
- MERKEL, A. **Ansprache von Bundeskanzlerin Angela Merkel: Vor der Knesset in Jerusalem am 18** (März 2008). Disponível em: <http://www.welt.de/politik/article1814071/Das-sagte-Kanzlerin-Angela-Merkel-vor-der-Knesset.html>. Acesso em 4/3/2014
- RAU, J. **Ansprache von Bundespräsident Johannes Rau: Vor der Knesset in Jerusalem am 16** (Februar 2000). Disponível em: <http://www.berliner-zeitung.de/archiv/erste-rede-eines-deutschen-praesidenten-vor-der-knesset-rau-bittet-israel-um-vergebung,10810590,9770356.html>. Acesso em 4/3/2014.

